

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

6 de Julho de 2021

OS MARES DA EUROPA

LETNAYA POEDZKA K MORYU / 1978

“Uma Viagem de Verão à Beira-Mar”

Um filme de Semyon Aranovich

Argumento: Yuri Klepikov / *Imagem (35 mm, cor e preto & branco, formato 1:1.37):* Vladimir Ilin / *Efeitos especiais:* Mikhail Pokrosky / *Cenários:* Giachya Mekinyan / *Figurinos:* Galina Deyeva / *Música:* Oleg Karayachuk / *Montagem:* Raiza Izakson / *Som (mono):* Galina Lukina / *Interpretação:* Anatoly Gorin (*Sedoy*), Nikolai Skorobogatov (*Mikhail Shestakov*), Igor Fokin (*Ivan Voinov*), Aleksandr Kurenoy (*Miron*), Andrei Zotov (*Boris Jbankov*), Viktor Proskurin (*Lyotchik*) e outros.

Produção: estúdios Lenfilm (Leninegrado); *diretor de produção:* Vladimir Semenets / *Cópia:* do Gosfilmofund (Moscovo), 35 mm, versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 87 minutos / *Estreia mundial:* União Soviética, Janeiro de 1980 / *Inédito comercialmente em Portugal. Primeira apresentação na Cinemateca.*

Pouco conhecido fora dos círculos dos entendidos do cinema soviético ou talvez até mesmo entre eles (o sei nome não chamou especialmente a atenção no momento do grande degelo da *perestroika*, durante o qual muitos filmes e cineastas notáveis saíram da tumba), Semyon Aranovich (1934-96) nasceu na Ucrânia e diplomou-se em cinema em 1965, em Moscovo, onde foi aluno de Roman Karmen (1906-78), um dos mais célebres operadores de câmara da sua geração, conhecido sobretudo como *cameraman* de guerra (Espanha, cercos de Moscovo e Leninegrado, julgamento de Nuremberga, guerra da Indochina), embora seja considerado um documentarista *à part entière*. A partir de 1971, Aranovich passou a trabalhar para os estúdios da Lenfilm, em Leninegrado. Os quinze trabalhos que realizou entre 1971 e 1994 (a doença que o matou impediu-o de concluir o seu último filme, **Agnus Dei**) incluem telefilmes, mini-séries, documentários (sobre Chostakovich, Anna Akhmatova, Estaline) e ficções (uma das quais, **Torpedonostsy**, foi exportada, tendo chegado ao Brasil com o título de **Bombardeiros Infernais** e ao mercado de vídeo americano como **Torpedo Bombers**). Independentemente da qualidade dos objetos cinematográficos que assinou, a sua obra parece ser variada e eclética.

Como outros incontáveis filmes soviéticos (entre os quais o mencionado **Torpedonostsy**) **Letnaya Poedzka K Moryu** é situado durante a “grande guerra patriótica”, mais conhecida além das antigas fronteiras soviéticas, ou seja, em todos os demais países do planeta, como Segunda Guerra Mundial. A ação tem lugar precisamente em 1942, quando os horrores causados pelo conflito estavam no auge (foi no ano seguinte que a Alemanha conheceu a sua primeira grande derrota e assinou a sua primeira rendição, em Estalinegrado). Mas Aranovich e o seu argumentista abordam o período e o tema da guerra de maneira algo original (embora presente em diversos filmes soviéticos, cuja ação se situa atrás do *front*), com os personagens imersos numa espécie de bolha alheia à guerra, que vem, no entanto e como é inevitável, atingi-los. Embora a presença daquele grupo de jovens naquelas paragens tenha um objetivo utilitário (as aves e os seus ovos são alimentos enviados para as tropas ou para civis), tudo é construído para instalar a impressão de que os personagens estão numa estadia de férias de trabalho. O próprio título do filme, que as legendas da cópia, feitas em Moscovo, traduzem por **Uma Viagem de Verão à Beira-Mar**”, sublinha esta intenção. É só no terço final que a guerra atinge os personagens, de forma reduzida (quatro soldados alemães, um dos quais escondido) embora violenta e mortal.

O cinema soviético de todas as épocas sempre foi variado, em parte devido à existência de estúdios em todas as repúblicas, em parte porque os filmes eram divididos em diversas “categorias” e nem todos eram distribuídos do mesmo modo, inclusive porque as próprias salas de cinema estavam divididas em categorias específicas que denotavam o grau de prestígio dado aos filmes nelas exibidos. Mas apesar do cinema soviético nem sempre adotar narrativas lineares, com uma causalidade estrita, preferindo narrativas um tanto oblíquas, menos previsíveis, houve algo que sempre unificou e caracterizou a produção cinematográfica daquele império que se estendia do mar Báltico aos confins da Ásia: a ausência de elementos imprevistos, improvisados, a possibilidade de tentar, procurar e, eventualmente, errar. O amadorismo, mesmo de alto nível e praticado por cineastas de talento, que foi um dos esteios de um movimento como a Nouvelle Vague, era impensável numa cinematografia em que não podia haver transgressão (embora os seus critérios não fossem sempre estreitos), em que só se podia trabalhar num estúdio, com a sua planificação e as suas regras. E ninguém podia trabalhar nestes estúdios se não tivesse um diploma de uma escola de cinema. Os argumentos eram minuciosamente construídos e revistos e os argumentistas, mais bem pagos do que os realizadores, tinham de se comprometer por escrito a fazer pelo menos três versões do argumento antes deste ser aprovado para a rodagem. Entre a vigilância política e a obsessão com o “profissionalismo” havia pouco espaço para a aventura formal, mas não para a competência técnica e aventura da *mise en scène*, o que é nítido em **Letnaya Poedzka K Moryu**. Em suma, trata-se de um cinema extremamente formalista, em que tudo está no lugar, por vezes de modo excessivo, o que pode resultar numa forma peculiar de academismo, o que dá a este filme de um realizador experiente um certo ar de filme de fim de estudos de uma escola de cinema, pois todos os seus efeitos são excessivamente calculados, embora não previsíveis.

O filme não tem genérico de início e começa a preto e branco, num preâmbulo e a imagem passa à cor quando começa a ação propriamente dita. No decorrer da ação, certos trechos serão a preto e branco, de modo um tanto arbitrário, maneirista, embora harmoniosamente executado. Apesar de alguns personagens serem mais nitidamente definidos do que outros (não falta um quase “mau”, longínquo eco dos *traidores* do cinema estalinista) trata-se de uma ação de grupo, exclusivamente masculina (ao cabo de cinquenta minutos de projeção, surge o efémero personagem de uma mulher, num exemplo perfeito do excesso de cálculo que caracteriza a construção da história). O contraponto visual entre os rapazes e as colónias de aves é muito bem explorado, em magníficos planos em campo/contracampo, reforçados pela rica banda sonora, com o vento, os gritos das aves e o ruflar das suas plumas. Quando a guerra se aproxima da bolha onde estão os personagens e o território é metralhado, o paralelo entre os rapazes que caçam as aves e os aviões que caçam os seres humanos é estabelecido sem estridência, com alguma sutileza. Tudo é deliberadamente esboçado, não desenvolvido, até à chegada dos soldados alemães, trazida com habilidade e exposta sem clichés. O desenlace, no entanto, também é excessivamente premeditado: a suposta ambiguidade do desenlace tem algo de uma receita. Algumas fendas na construção talvez tivessem sido benéficas ao edifício excessivamente bem construído de **Letnaya Poedzka K Moryu**.

Antonio Rodrigues